**Dublinenses**

**James Joyce**

**Tradução: Thelma Nóbrega**

AS IRMÃS

Não havia esperança para ele daquela vez: era o terceiro derrame. Noite após noite eu havia passado pela casa (eram as férias) e observado o quadrado iluminado da janela: e, noite após noite, eu o encontrara iluminado da mesma maneira fraca e uniforme. Se ele tivesse morrido, pensava eu, veria o reflexo das velas na cortina escura, pois sabia que duas velas deviam ladear a cabeça do morto. Várias vezes ele me dissera: “Não vou durar muito tempo”, e eu não levara suas palavras a sério. Agora sabia que era verdade. Todas as noites, quando olhava para aquela janela, eu murmurava para mim mesmo a palavra paralisia. Sempre soara estranha aos meus ouvidos, como a palavra gnômon no livro de geometria e a palavra *simonia* no catecismo. Mas agora soava como o nome de um ser maligno e pecaminoso. Ao mesmo tempo que me enchia de terror, também me dava vontade de chegar perto e examinar sua obra letal.

O velho Cotter fumava perto do fogo quando desci para jantar. Enquanto minha tia servia o mingau, ele disse, como se retomasse um comentário anterior:

“Não, eu não diria que ele era exatamente... mas havia algo de estranho... algo de misterioso nele. Vou dizer minha opinião...”

Deu umas baforadas no cachimbo, sem dúvida formulando na mente a tal opinião. Velho chato e estúpido! Quando o conhecemos, ele até que era interessante, falando de mosto e serpentinas, mas logo me cansei dele e de suas infindáveis histórias sobre a destilaria.

“Tenho minha própria teoria a esse respeito”, disse ele. “Acho que era um desses... casos peculiares... Mas é difícil saber...”

Recomeçou a dar baforadas no cachimbo, sem nos dizer sua teoria. Meu tio percebeu que eu prestava atenção e disse:

“Você não vai gostar de saber, mas seu velho amigo partiu”.

“Quem?”, disse eu.

“O padre Flynn”.

“Ele morreu?”

“Mr. Cotter acabou de contar. Passou em frente da casa.”

Percebi que eles me observavam e continuei a jantar como se a notícia não tivesse a menor importância. Meu tio explicou ao velho Cotter.

“O garoto e ele eram bons amigos. O velho lhe ensinou muitas coisas, sabe, e dizem que tinha grandes esperanças para ele”.

“Deus tenha piedade de sua alma”, disse minha tia piamente.

O velho Cotter olhou para mim durante alguns instantes. Senti que me examinava com seus olhinhos pretos, redondos como duas contas, mas não lhe dei a satisfação de levantar meus olhos do prato. Ele voltou a chupar o cachimbo e, finalmente, cuspiu na lareira.

“Eu não gostaria que um filho meu”, disse ele, “ficasse de prosa com um homem desses”.

“O que está dizendo, Mr. Cotter?”, disse minha tia.

“Estou dizendo”, disse o velho Cotter, “que não é bom para as crianças. Acho o seguinte: meninos devem correr por aí e brincar com outros meninos em vez de... Não estou certo, Jack?”

“É o que eu acho também”, disse meu tio. “Ele precisa aprender a se virar no mundo. Vivo dizendo a este rosa-cruz aqui: faça exercício. Quando eu era menino, tomava banho frio todas as manhãs, fosse inverno ou fosse verão. E é o que me mantém forte até hoje. Estudar pode ser uma beleza e tudo mais... Acho que Mr. Cotter gostaria de provar a perna de carneiro”, acrescentou, olhando para minha tia.

“Não, não precisa”, disse Mr. Cotter.

Minha tia buscou a travessa no guarda-comida e a colocou na mesa.

“Mas por que acha que não é bom para as crianças, Mr. Cotter?”, perguntou ela.

“Não é bom para as crianças”, disse o Mr. Cotter, “porque são muito impressionáveis. Sabe, senhora, quando elas veem coisas assim, os efeitos...”

Enchi a boca de mingau com medo de deixar escapar minha raiva. Velho enfadonho, imbecil, nariz de pimentão!

Já era tarde quando adormeci. Embora irritado com o velho Cotter por me tratar como criança, quebrei a cabeça tentando entender o significado de suas frases incompletas. Na escuridão do quarto, imaginei ver novamente o rosto cinza e pesado do paralítico. Cobri a cabeça com o cobertor e tentei pensar no Natal. Mas o rosto cinza ainda me perseguia. Murmurava algo, e compreendi que queria fazer uma confissão. Senti minha alma recuar para uma região prazerosa e perversa, e lá também o encontrei esperando por mim. Começou a se confessar em voz baixa, e me perguntei por que sorria continuamente e por que seus lábios estavam tão úmidos de saliva. Mas então lembrei que ele havia morrido de paralisia e senti que eu também sorria levemente, como se o absolvesse de seu pecado de simonia.

Na manhã seguinte, depois do café, desci para ver a casinha na Great Britain Street. Era uma loja modesta registrada com o nome vago de *Armarinho*. Os artigos consistiam principalmente de botas infantis e guarda-chuvas e, em dias comuns, uma placa pendurada na vitrine dizia: “Consertam-se guarda-chuvas”. Não se via placa nenhuma agora, pois as persianas estavam fechadas. Uma fita amarrava um buquê de crepe na argola da porta. Duas mulheres pobres e um pequeno estafeta liam o cartão preso ao buquê. Eu também me aproximei e li:

*1º. de julho de 1895*

*O Reverendo James Flynn (anteriormente da igreja Santa Catarina, em Meath Street), aos sessenta e cinco anos.*

*R.I.P*

A leitura do cartão me persuadiu de que ele estava morto, e fui tomado por um torpor inquietante. Se estivesse vivo, eu teria entrado na salinha escura nos fundos da loja e o encontrado sentado em sua poltrona ao lado da lareira, quase sufocando dentro do sobretudo. Minha tia talvez tivesse lhe mandado um pacote de rapé High Toast, e o presente o teria despertado de seu sono entorpecido. Era sempre eu quem esvaziava o pacote na tabaqueira preta, pois suas mãos tremiam demais para que o fizesse sem derramar metade do rapé no chão. Mesmo quando levava a grande mão trêmula ao nariz, pequenas nuvens de fumaça escapavam-lhe por entre os dedos e caíam sobre a frente do casaco. Deviam ser aqueles constantes banhos de rapé que haviam conferido a suas antigas vestes sacerdotais um tom verde descorado, pois o lenço vermelho, sempre encardido com as manchas de rapé acumuladas durante a semana, com o qual ele tentava limpar os grãos, era bastante ineficaz.

Eu quis entrar para vê-lo, mas me faltou coragem de bater na porta. Afastei-me lentamente pelo lado ensolarado da rua, lendo pelo caminho os cartazes de teatro nas vitrines das lojas. Achava estranho que nem eu nem o dia estivéssemos de luto e até me aborreci ao perceber em mim uma sensação de liberdade, como se a morte dele tivesse me libertado de alguma coisa. Estranhei, pois como meu tio havia dito na noite anterior, ele me ensinara muitas coisas. Estudara no seminário irlandês em Roma e me ensinara a pronunciar o latim corretamente. Contara-me histórias sobre as catacumbas e sobre Napoleão Bonaparte e me explicara o significado das diferentes cerimônias da missa e dos diferentes paramentos sacerdotais. Às vezes, ele se divertia me fazendo perguntas difíceis, indagando-me o que devia ser feito em determinadas circunstâncias ou se tais e tais pecados eram mortais ou veniais ou apenas imperfeições. Suas perguntas me mostraram a complexidade e o mistério de certas instituições da igreja que antes haviam me parecido os mais simples dos atos. Os deveres do padre no tangente à eucaristia e ao segredo do confessionário pareciam-me tão graves que eu me perguntava como era possível que alguém encontrasse coragem para assumi-los; e não me surpreendi quando me contou que os padres da Igreja haviam escrito livros grossos como listas telefônicas e com letra miúda como a dos editais publicados nos jornais para elucidar todas essas questões intrincadas. Muitas vezes, quando eu refletia sobre esses problemas, não me ocorria nenhuma resposta ou apenas uma resposta tola e hesitante, diante do que ele sorria e balançava a cabeça duas ou três vezes. Às vezes, me fazia repetir os responsórios da missa, que havia me obrigado a decorar, e enquanto eu tartamudeava, sorria pensativamente e balançava a cabeça, aspirando às vezes enormes pitadas de rapé em cada narina alternadamente. Quando sorria, revelava os grandes dentes amarelados e deixava a língua repousar sobre o lábio inferior – um hábito que me incomodou no começo da nossa amizade, antes que o conhecesse bem.

Enquanto caminhava ao sol, lembrei-me das palavras do velho Cotter e tentei lembrar o que havia acontecido depois no sonho. Lembrei-me de ver cortinas compridas de veludo e um lustre antiquado que balançava. Tinha a impressão de ter estado muito longe, numa terra de costumes estranhos - a Pérsia, pensei... Mas não conseguia lembrar o final do sonho.

No começo da noite, minha tia me levou ao velório. O sol já se pusera, mas as janelas das casas voltadas para o oeste refletiam o laranja dourado de um longo banco de nuvens. Nannie nos recebeu no vestíbulo e, como teria sido inapropriado saudá-la aos gritos, minha tia apenas apertou sua mão. A velha apontou para cima interrogativamente e, quando minha tia assentiu, começou a subir penosamente a escada estreita à nossa frente, a cabeça inclinada mal ultrapassando o nível do corrimão. No primeiro patamar, ela parou e nos encorajou com um gesto a entrarmos no quarto do morto. Minha tia entrou, e a velha, vendo que eu hesitava, voltou a acenar-me com a mão repetidas vezes.

Entrei na ponta dos pés. Através da cortina rendada, a luz dourada do crepúsculo invadia o quarto, afinando e empalidecendo as chamas das velas. Ele havia sido posto no caixão. A um sinal de Nannie, nós três nos ajoelhamos ao pé da cama. Fingi que rezava, mas não conseguia me concentrar por causa do murmúrio da velha. Notei sua saia amarrada atrás com desleixo e os saltos gastos de suas botas de pano. Imaginei que o velho padre sorria, deitado lá no caixão.

Mas não. Quando nos levantamos e fomos à cabeceira da cama, vi que ele não sorria. Lá jazia, solene e corpulento, vestido como se para o altar, as grandes mãos segurando frouxamente um cálice. Seu rosto era muito truculento, cinza e maciço, com narinas negras e cavernosas, cercado por parcos fios de cabelos brancos. Um aroma pesado enchia o quarto – flores.

Nós nos persignamos e saímos. Na saleta do andar de baixo, encontramos Eliza dignamente sentada na poltrona que pertencera a ele. Avancei cautelosamente para minha cadeira de costume, no canto, enquanto Nannie se dirigia ao guarda-louça para buscar uma garrafa de *sherry* e algumas taças de vinho. Colocou tudo sobre a mesa e nos convidou a beber uma tacinha. Então, a um aceno da irmã, encheu as taças de *sherry* e as passou para nós. Insistiu para que eu comesse umas bolachas salgadas também, mas recusei, achando que faria muito barulho ao comê-las. Ela pareceu um pouco desapontada com minha recusa e sentou-se em silêncio no sofá atrás da irmã. Ninguém falava: todos olhávamos para a lareira apagada.

Minha tia esperou Eliza suspirar e então disse:

“Bem, ele partiu desta para melhor”.

Eliza suspirou de novo e assentiu inclinando a cabeça. Minha tia dedilhou a haste da taça antes de beber um golinho.

“Ele... foi em paz?”, perguntou.

“Sim, ele se foi em paz, senhora”, disse Eliza. “Nem percebemos quando parou de respirar. Teve uma boa morte, Deus seja louvado”.

“E tudo...?”

“O padre O’Rourke visitou-o na terça-feira, deu a extrema unção e o preparou e tudo mais”.

“Então, ele sabia?”

“Estava resignado”.

“Parece bastante resignado”, disse minha tia.

“Foi o que disse a mulher que chamamos para lhe dar um banho. Disse que ele parecia que estava dormindo, de tão tranquilo e resignado que parecia. Ninguém podia imaginar que ele daria um defunto tão bonito”.

“Sim, é mesmo”, disse minha tia.

Bebeu mais um golinho e disse:

“Bom, Miss Flynn, seja como for, deve ser um grande consolo saber que fizeram tudo que podiam. As senhoras foram muito boas com ele, sem dúvida nenhuma”.

Eliza alisou o vestido sobre os joelhos.

“Ah, coitado do James!”, disse ela. “Deus sabe que nós fizemos tudo que pudemos, mesmo sendo tão pobres. Não deixamos que lhe faltasse nada durante a doença”.

Nannie havia recostado a cabeça na almofada do sofá e parecia prestes a dormir.

“Coitada da Nannie”, disse Eliza, olhando para ela. “Está exausta. Que trabalhão nós tivemos, chamando a mulher para dar banho nele e arrumando-o e colocando-o no caixão e providenciando a missa na capela. Se não fosse o padre O’Rourke, não sei o que seria de nós. Foi ele quem trouxe as flores e duas velas da capela, foi ele quem escreveu o obituário para o jornal e foi ele que cuidou da papelada para o cemitério e do seguro do pobre James”.

“Que bondade a dele!”, disse minha tia.

Eliza fechou os olhos e sacudiu lentamente a cabeça.

“Ah, nada como os velhos amigos”, disse ela. “No final das contas, é só com eles que podemos contar”.

“Sim, é verdade”, disse minha tia. “E agora que foi para junto do Senhor, ele certamente não vai se esquecer das senhoras e de como cuidaram bem dele”.

“Ah, coitado do James!”, disse Eliza. “Ele não dava trabalho nenhum. Não fazia o menor barulho na casa, como agora. Mesmo assim, eu sei que agora ele...”

“Depois que tudo acabar é que vão sentir a falta dele”, disse minha tia.

“Eu sei”, disse Eliza. “Nunca mais vou levar o caldo de carne para ele e nunca mais a senhora vai lhe mandar o rapé. Ah, coitado do James!”

Ela parou, como se buscasse algo no passado, e então disse com ar sagaz:

“Sabe, senhora, eu reparei que algo estranho estava acontecendo com ele. Sempre que eu levava o caldo, encontrava o breviário caído no chão e ele esparramado na poltrona, com a boca aberta”.

Levou um dedo ao nariz e franziu a testa: depois, prosseguiu:

“Mesmo assim, vivia dizendo que um dia desses, antes de o verão terminar, iria até Irishtown só para ver a casa velha onde nós nascemos, e que eu e Nannie iríamos junto. Se ele arranjasse um desses coches modernos que não fazem barulho, desses com rodas reumáticas que o padre O’Rourke falou, pagando barato por dia na loja de Johnny Rush aqui perto... nós três iríamos até lá juntos num domingo à tarde. Não tirava esse passeio da cabeça... Coitado do James!”

“Que Deus tenha piedade de sua alma!”, disse minha tia.

Eliza tirou o lenço e enxugou os olhos. Depois, voltou a guardá-lo no bolso e olhou para a lareira apagada por algum tempo, sem dizer nada.

“Ele sempre foi muito escrupuloso”, disse ela. “Os deveres do sacerdócio eram pesados demais para ele. E, além disso, teve contrariedades na vida.”

“É”, disse minha tia. “Ele era um homem desiludido. Dava para perceber”.

O silêncio tomou conta da saleta e aproveitei para me aproximar da mesa e provar o *sherry;* depois voltei quieto para minha cadeira no canto. Eliza parecia mergulhada num devaneio profundo. Esperamos respeitosamente que ela rompesse o silêncio: após uma longa pausa, disse lentamente:

“Foi o cálice que ele quebrou... Aquilo começou tudo. Claro, disseram que não fazia mal, que o cálice estava vazio, quero dizer. Mas mesmo assim... Disseram que foi tudo culpa do menino, mas o pobre do James, que Deus guarde sua alma, ficou tão nervoso!”

“Então foi isso?”, perguntou minha tia. “Ouvi dizer que...”

Eliza assentiu com a cabeça.

“Mexeu com a cabeça dele”, disse ela. “Depois disso, começou a se lamentar, a falar sozinho, a perambular pela casa. Então, uma noite ele foi chamado para atender alguém, mas não o acharam em nenhum lugar. Procuraram de cima abaixo e mesmo assim, nem sinal dele. Foi então que o sacristão sugeriu procurar na capela. Assim que eles buscaram as chaves e abriram a capela, o sacristão, o padre O’Rourke e um outro padre entraram com uma vela para procurar.... E não é que ele estava lá dentro, sozinho no confessionário escuro, acordado e rindo sozinho?”

Ela se calou de repente, como se tivesse ouvido algo. Também prestei atenção, mas não se ouvia som nenhum na casa: e eu sabia que o velho padre estava deitado no caixão tal como o havíamos deixado, solene e truculento na morte, um cálice inútil sobre o peito.

Eliza repetiu:

“Acordado e rindo sozinho... E é claro que, quando eles viram aquilo, acharam que ele não estava batendo bem...”